

7

Referências bibliográficas

ALMADA, I. **Teatro de Arena**: uma estética de resistência, São Paulo: Boitempo, 2004, 154p.

AMORIN, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin** – outros conceitos-chave, São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 95-114.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS. ONGs no Brasil: Perfil das Associadas à Abong. **Net**. Disponível em: <www.abong.org.br>. Acesso em: 10 fev. 2008.

ABONG comemora seus 15 anos. Disponível em: <www.abong.org.br>. Acesso em: 10 fev. 2008.

Ação das ONGs no Brasil – perguntas e respostas. São Paulo: Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais, 2005.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**, 4ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, 476p.

BALESTRERI, S. N. Três ou quatro perguntas para um bom fórum. **Metaxis**: a revista do teatro do oprimido. Rio de Janeiro: CTO-RIO, p.26-27, 2001.

Boal e Berne: contaminações para um teatro menor. 2004. Tese. Doutorado em Psicologia Clínica. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica-SP. Orientador: Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi.

BARRETO, O. Terceiro Setor: Um novo espaço de sociabilidade pública? **Bahia** – análise & dados, v. 09, n. 04, p. 109-118 mar., 2000.

BASTOS, N. de S. **Mulheres em armas: memória da militância feminina contra o regime militar brasileiro**. 2004. Monografia de Bacharelado pelo Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Maria Paula Nascimento Araújo.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, 260p.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, 192p.

_____. **Identidade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 112p.

BENEVIDES, M. V. de M. **A cidadania ativa**, São Paulo: Editora Ática, 1991, 208p.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**, 7ª. ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, 253p.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**, 6ª. ed., Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

BOGHOSSIAN, C. O. **Vivências de Violência em Vigário Geral**: Experiência de Gerações. 1999. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz. Orientador: Prof. Dr. Otávio Cruz Neto.

BONFITTO, M. **O ator compositor**, São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, 143p.

BRECHT, B. **Estudos sobre o teatro**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, 353p.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?**, 2 ed., Campinas: Ed. Papyrus, 1991, 241p.

CARDOSO, R. A cidadania em sociedades multiculturais. Secretaria da Justiça e defesa da cidadania. **Net**, O preconceito, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996. Disponível em: <http://www.justica.sp.gov.br/pre_3.htm>. Acesso em: 11 mar. 2005.

CARREIRA, A. L. A. N. Teatro de rua: mito e criação no Brasil. **Net**, Revista Arte online, Universidade do Estado de Santa Catarina, Departamento de Artes Cênicas, vol. 02, nov. 1999/ fev. 2000. Disponível em: www.ceart.udesc.br. Acesso em: 01 fev. 2008.

_____. Teatro de grupo anos 1990: um novo espaço de experimentação. **Net**, Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em: 27 nov. 2007.

CARREIRA, A. L. A. N.; OLIVETTO, D. Processo coletivo e processo colaborativo: horizontalidade e teatro de grupo. **Net**, Revista Virtual Polêmica, Caderno Imagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no. 19, 2007. Disponível em: <www.polemica.uerj.br>. Acesso em: 01 fev. 2008.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**, 7^a. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, 236p.

CASTANHO, S. M. Tortura: uma estratégia para coibir os adversários do regime militar. **Net**, Revista Urutaguá – Revista Acadêmica Multidisciplinar, departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual

de Maringá, Maringá/PR, ano I, no. 02, jul., 2001. Disponível em: www.urutagua.uem.br. Acesso em: 01 fev. 2008.

CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, L. R. de (org.) **Crianças e jovens na construção da cultura**, 01 ed. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2001, p. 19-46.

CECCARELLO, V. H. P.; PINASSI, M. O. Perspectivas do teatro engajado de Sartre. In: **Anais da 7ª. Jornada Científica da UFSCAR**, XIV Congresso de Iniciação Científica, Departamento de Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**, 10ª. ed., Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, 351p.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S., T. M.; CODO, W. **Psicologia social – o homem em movimento**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 58-75.

CIESPI. **Nós: a revolução de cada dia**. CIESPI, Rio de Janeiro: CIESPI: PUC-RIO, 2007.

CLARO, I. B. **Gestão comunitária: estudo de uma nova articulação estado/sociedade civil no parque proletário de Vigário Geral**. 2002. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 2002. Orientador: Jeni Vaitsman.

COHEN, R. **Performance como linguagem**, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004, 176p.

COSTA, I. C. O teatro de grupo e seus antepassados. **Net**, Disponível em: www.itaucultural.org.br. Aceso em: 27 nov. 2007.

DIEGUES, C.; DRAGAUD, R. **Nenhum motivo explica a guerra**. Produzido por: Renata Magalhães e Flora Gil. Warner Music. 2006. (2h 30min.): DVD, NTSC, son., color., Documentário.

DORIGATTI, A. M. T. **À procura da semente-expressão teatral em trabalho com população**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1984. orientadores: Salvador A. Meirelles Sandoval; Aldaiza de Oliveira Sposatti.

FERRAREZI, E. **Organização da sociedade civil de interesse público – OSCIP: a lei 9.790 como alternativa para o terceiro setor**, Brasília: Comunidade Solidária, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário**, 2^a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, 506p.

FERREIRA, V. C. P. **ONG's no Brasil: um estudo sobre suas características e fatores que tem induzido seu crescimento**. 2005. Tese de doutorado. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Orientadora: Sylvia Constant Vergara.

FILHO, F. A. Guerra sem Fronteiras. **Revista ISTO É**, p.42-43, set., 1998.

FISCHER, S. R. **Processo Colaborativo**: experiências de companhias teatrais brasileiras nos anos 90. 2003. Dissertação de mestrado, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2003. Orientador: Renato Cohen.

FRAGA, P. C. P. As ONGs e o Espaço Público no Brasil. **Revista Tempo e Presença**, Rio de Janeiro, p. 26-33, 2002.

GOHN, M. da G. **Globalization and mobilization in the neoliberal era in Latin America**. Contribuição ao debate com Susan Eckstein. Disponível

em: <<http://www.iisg.nl/labouragain/globalisation.php>>. Acesso em: 01 set. 2007.

GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, 208p.

GRUPO CULTURAL AFRO REGGAE. História. **Net**, Disponível em: <www.afroreggae.org.br>. Acesso em: 01 jun. 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**, Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005, 309p.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. da. **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais, 3ª. ed., Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 10ª. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 102p.

HERKENHOFF, J. B. **Cidadania para todos: o que toda pessoa precisa saber a respeito de cidadania**, Rio de Janeiro: Thex Ed., 2002, 109p.

HIKIJ, R. S. G. Etnografia da performance musical – identidade, alteridade e transformação. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, , v. 11, n. 24, p. 155-184, jul/dez., 2005.

HOLLANDA, H. B. Entrevista com George Yúdice. **Net**, Revista Z Cultural, Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ago., 2005. Disponível em: < <http://www.pacc.ufrj.br> >. Acesso em: 01 fev. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 1991. **Net**, Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 04 fev. 2008.

JOBIM e SOUZA, S. A estética e a psicologia. In: JOBIM e SOUZA, S. (org.) **Subjetividade em questão** – a infância como crítica da cultura, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005, p. 19-28.

JORNAL DO BRASIL ON LINE. Primeira Mostra Aids e Teatro começa amanhã. **Net**, Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/extra/2005/11/30/e30113824.html>>. Acesso em: 04 fev. 2008.

JUNIOR, J. **Da favela para o mundo** – a história do Grupo Cultural Afro Reggae, Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, 279p.

_____. **Entrevista concedida a Paulo Markun e demais entrevistadores**. Programa Roda Viva, São Paulo, maio, 2007.

KAROL, E. **Território e territorialidade da Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional** – F. A. S. E. – estudo sobre território e organização não-governamental. 2000. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Orientador: Odette Carvalho de Lima Seabra.

KÜHNER, M. H. **Teatro popular**: uma experiência, Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975, 215p.

_____. **Opinião**: para ter opinião, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, 153p.

LANDIM, L. **Sem fins lucrativos** – As organizações não governamentais no Brasil, Rio de Janeiro: ISEER, 1988, 167p.

_____. Experiência militante – Histórias das assim chamadas ONGs. **Net**, Revue Lusotopie, Paris, n. 9, p. 215-239, jan., 2002.

Disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/somma2002-1.html>>. Acesso em: 02 dez. 2005

LEVINSON, A. M. **Jovens vozes em cena**: experiências de integração e autodeterminação através da arte performática no Rio de Janeiro. 2005. Dissertação de mestrado. Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), 2005. Orientador: Berenice de Oliveira Cavalcante.

LIGIÉRIO, Z. O LivinTheatre no Brasil. **Artcultura**, Universidade Federal de Uberlândia, Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Uberlândia, Minas Gerais, v. 01, n. 01, p. 53-57, 1999.

MAGALDI, S. **Um palco brasileiro** – o Arena de São Paulo, São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, 100p.

MARTINEZ, V. C. **O cidadão de silício**. Marília: UNESP: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997.

MININE, R. Oi Nois Aqui Traveiz: teatro popular e democrático. Net, Cooperativa Paulista de Teatro, Seção Experiência e referência, 2004. Disponível em: <<http://www.cooperativadeteatro.com.br>>. Acesso em: 28 jan. 2007.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**, São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976, 118p.

OLIVEIRA, V. M. Eugenio Barba e o teatro de grupo. **Net**, Disponível em: <www.antaprofana.com.br>. Acesso em: 07 jan. 2008.

PAIS, J. M. As múltiplas “caras” da cidadania. In: CASTRO, L.R.; CORREA, J. (org.) **Juventude contemporânea** – perspectivas nacionais e internacionais, Rio de Janeiro: NAU editora: FAPERJ, 2005, p. 107-134.

PELÚCIO, C. O teatro de grupo no Brasil no final do séc. XX. **Net**, Seção Escritos. Disponível em: <www.clowns.com.br>. Acesso em: 27 dez. 2007.

PEREIRA, R. Sob as leis tráfico – à margem do Estado, criminosos estabelecem códigos de conduta para os moradores das favelas cariocas. **Revista Época**, no. 315, Editora Globo, s/p., maio, 2004.

PEREIRA, V. H. A. “**Momento teatral**”: cultura e poder nos anos quarenta. Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1981. Orientador: Silvano Santiago.

_____. José Celso vira a mesa: a antropofagia, a política e a mídia na trajetória tropicalista. In: DUARTE, P. S.; NAVES, S. C. **Do samba-canção à Tropicália**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2003, p. 215-230.

_____. Teatro e movimentos sociais – diferentes compromissos com o “real” na cena brasileira. **Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte**, Revista do Instituto de História de Uberlândia, v. 7, n. 11, p. 17-135, jul-dez, 2005.

_____. Endemias e vanguardas: teatro brasileiro no fim do milênio. **Luso-Brazilian Review**, The University of Wisconsin, USA, v. 35, n. 02, 1998. Disponível em: < http://muse.jhu.edu/demo/luso-brazilian_review/ >. Acesso em: 01 fev. 2008.

_____. Trabalhos sociais invadem os palcos do Rio de Janeiro. **Revista Polêmica**, n. 02, v. 06, 2002. Disponível em: <www.polemica.uerj.br>. Acesso em: 01 fev 2008.

PRADO, D. de A. **O teatro brasileiro moderno**, São Paulo: Editora Perspectiva, 1988, 149 p.

PRADO, R. O Desarme da Violência: existem muitas formas para se enfrentar o problema, mas todas levam o mesmo ingrediente: cidadania.

Net, Revista Nova Escola, Disponível em: <http://www.uol.com.br/novaescola/ed/125_set99/html/repcapa.htm>.

Acesso em: 04 fev. 2008.

PRATA, P. Trabalho comunitários e ONGs: uma nova expressão de cidadania nas favelas do Rio de Janeiro. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. (apresentação de trabalho na UERJ)

SANTOS, B. de S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo social**, Revista de Sociologia da USP, Departamento de Sociologia, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, nov., 1994.

SAWAIA, B. B. Identidade – uma ideologia separatista? In: _____. **As artimanhas da exclusão** – análise psicossocial e ética da desigualdade social, Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2002, p. 119-128.

_____. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: _____. **As artimanhas da exclusão** – análise psicossocial e ética da desigualdade social, Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2002, p. 7-15.

_____. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/ inclusão. In: _____. **As artimanhas da exclusão** – análise psicossocial e ética da desigualdade social, Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2002, p. 97-118.

SCHECHNER, R. O que é performance? (tradução: Dandara) **O percevejo** – Estudos da performance. Revista de Teatro, crítica e estética, Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-graduação

em Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

SILVA, E. H. **O fazer teatral** – Forma de resistência, Fortaleza: EUFC, 1992, 229p.

SILVA, L. A. M. da; LEITE, M. P. Favelas e democracia: temas e problemas da ação coletiva nas favelas cariocas. In: SILVA, L. A. M. da et al. **Rio: a democracia vista de baixo**. Rio de Janeiro: Ibase, p. 61-78, 2004.

SOARES, A. P. M. Teatro do oprimido. **Dicas Polis-Ildesfes** – idéias para a ação municipal, São Paulo: Instituto Pólis, n. 118, 1998.

SOARES, L. M. M. D. **Arena e Guarnieri**: um teatro político. 1980. Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras, Curso Literatura Brasileira, PUCRJ, 1980.

SOUSA, D. P. A. de. O Brasil do teatro engajado: a trajetória de Vianinha, Paulo Pontes e Chico Buarque. **Net**, Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, jan.-mar., 2007, v. 4, ano IV, n. 1. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: 01 dez. 2007.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. ONGs no Brasil: elementos para uma narrativa política. **Revista Humanas** (IFCH/UFRGS), Porto Alegre, v. 24, n. 1/2, p. 36-55, 2001.

TEATRO DE ANÔNIMO. Seção: O grupo: a história. **Net**, Disponível em: <www.teatrodeanonimo.com.br>. Acesso em: 04 fev. 2008.

TROTTA, R. Movimento em retrospectiva. **Net**, Revista Camarim, Cooperativa Paulista de Teatro, jan-jul, 2006. Disponível em: <www.cooperativadeteatro.com.br>. Acesso em: 05 jan. 2008.

TUDE, J.; RODRIGUES, G. K. M. Organizações não governamentais: uma discussão sobre suas peculiaridades organizacionais. In: **Anais da VI Conferência Regional de ISTR para América Latina Y el Caribe**, ISTR y CIAGS/UFBA, Salvador, 2007. (apresentação de trabalho)

ZANETTI, L. **A prática educativa do Grupo Cultural Afro Reggae**, Rio de Janeiro, GCAR, 2001, 27p.

ZIMBALIST, J.; MOCHARY, M. **Favela Rising**. Thinkfilm - HBO/Cinemax Documentary Films. 2005. (82 min.): DVD, NTSC, son., color., Documentário.

8 Anexos

Anexo 1) ROTEIRO *URUCUBACA* (de Jorge Mautner)

1 - MANTRA

2 - GUERRA

3 - CENA DA MÃE

4 – SAMBA (Dança)

5 - MORREU

6 – MÚSICA – A FÉ

7 - DE MODO FATAL

8 - TEXTO KAOS

9 - TAMBOR DE MINA

10 - POEMAS:

**OLHAR BESTIAL
CHUVA PRINCESA
TATARANETO DO INSETO
OS MARCIANOS
HÁ, HÁ, HÁ**

11 - MÚSICA – CARA DE JACARÉ

12 - FERNANDINHO E ZULEIKA

13 - MULHER E HOMEM

14 - REI

15 - POSFÁCIO GILBERTO GIL

16 - SALVE JORGE

1- MANTRA

Namastê narashimhaya

Praladala da dayiane

Hirannyakasipor vaksah

Sila tanka nakhalaye

Ito nrsimho
Hrdaye nrsimho

Yato yato yami tato
Nrsimhah

Bahir nrsimha hrdaye
Nrsimho

Nrsimham
Adimsaranamprapdye

Tavakara kamala vare
Nakham

Adbhuta srngann

Dalita hiranyakasipu
Tamu bhrngam

Kesava dlarta narahari
Rupa

Jaya jagadisa hare

2- GUERRA (de Cecília Alves/ Rafael Rodrigues)

Aos que dizem não, não me sinto culpado lembro:

No dia em que o simplesmente tiver pouco valor o mundo sentirá menos dor. A palavra guerra tem 6 letras, Paz tem apenas 3 letras, 6 é par, 3 é ímpar, quero o meu par que é ímpar e que está partido. Enquanto diminuir for menos, que diminuam a minha dor. Chorem cada um pelo seus filhos, morrendo os dos outros, surdo choro que não ecoa, lágrimas secas ao se tratar de um semelhante homem que assim como eu sente dor.

Ainda dizem que os bichos são selvagens. Uma das diferenças do animal homem é o raciocínio, o homem pensa que pensa e pensando muito faz tudo isso aí que

vimos ao nosso redor. Ah! Esqueci de falar: antes de eu voltar, caiu uma potente bomba aqui, tudo está oco e vazio, só retornei para terminar de viver aquilo que me retiraram. Perdoe-me mais uma vez eu não me apresentei: Eu sou..., isso não importa agora, tenho, quantos anos eu tenho mesmo? Me diga em que ano estamos para eu saber quando tudo isso iniciou, porque foi exatamente nesse momento que eu parti.

Faz parte da natureza? As árvores estão tombando ou sendo arrancadas pela raiz? E o homem arranca-se para o precipício. Leio o jornal e me deparo, quando ligo a TV

Primeira Notícia: Guerra

Segunda Notícia: Guerra

A guerra é a favor do mundo ou contra o meu menino.

Terceira Notícia: Guerra

A nossa Guerra é particular, a minha disputa é com quem não posso lutar. E para que? Porque? Mudo o canal e dá no mesmo. Pergunto para os mais sábios até onde isso vai? Será que não tem fim?

O homem se destrói. Seja pelo petróleo, por terras ou pelo poder. Santa é que não pode ser. Que guerra é essa dessa vez vocês sabem? Não? Nem eles.

Mulheres sem maridos, homens, os que voltam feridos... crianças... meninos ou bandidos?...

Um sonho infantil (PAZ).

Tem alguém com poder de mudança? Se há por favor resolva.

Hei! Quantos bombardeios sem solução?

Você está me ouvindo?

Hei, você, você, você está me ouvindo?

Ainda há alguém que possa ouvir?

Arrependimento, desculpas, perdão.

Grito pelo mundo, mas ninguém me ouve. Ela é louca.

O mundo chora; o meu mundo chora, chora, chora, chora, chora um choro interminável.

Meu menino lindo mundo chora sangue.

Ei! Você pode trocar 6 por 3?

3- CENA DA MÃE

Não!

É meu filho.

Quem fez isso com ele?

Eu não vou ser mais uma Edna, Tânia, Cleide que teve a filha morta nas escadarias do metrô.

Não vou ser mais uma Rosa que teve seu filho arrastado. Não vou ser mais uma Marilene que não teve o direito de enterrar a sua filha.

Ele esta brincando. Ele sempre brinca assim.

Quando ele era pequeno fingia sentir dor de cabeça, fingia que estava desmaiado só para me deixar preocupada. Mas agora chega. Chega de brincadeira!

Você já está assustando a mamãe. Acorda. Acorda seu filho da puta!

Esse sangue não sai, não sai da minha cara e eu não quero que saia porque ele é o sangue do meu sangue.

4- SAMBA (Dança)

5- MORTE (de Therèze Bellido)

Morreu...
 Morreu?
 Morreu!
 Como?
 Acordou morto!
Menos mau, pelo menos morreu dormindo.
 Mas ele só tinha 19 anos!
 Levou um tiro.
 Ele só tinha 17 anos...
 Ele só tinha 35 anos...
 AIDS.
 Ele só tinha 38 anos.
 91 anos? Então viveu muito!
 Mas ele amava a vida!
 Estava saudável, foi erro médico...
 Caiu do telhado enquanto consertava a telha...
 Leucemia.
 Ela só tinha 25 anos?
 87. Mas queria tanto viver até os 100...
 Estava bom, foi operar, morreu.
 Acidente de transito.
 Bateu com carro.
 Bateu???
 Bateu com o carro!
 A filhinha tinha 7 aninhos.
 Chacina?
 Holocausto.
 Que morte estúpida...
 Bala perdida...
 17 facadas.
 Tão bonita...
 Ela só tinha 22 anos.
 Câncer?
 Infarto.
 Coração?
 Overdose!
 Ele só tinha 27 anos.
 Assassinado. Drogas!

Atropelado?
 No atentado...
 Na guerra!
 Pai de quatro filhos...
 Três filhos pra criar.
 Ficaram órfãos.
 Suicídio.
 Pra onde será que ele foi?
 Morreu.
 Morreu?
 Morreu!

6- A FÉ (de Jairo Cliff/Lecão/Jonatan)

Quando acordo vejo o dia clarear
 Digo logo meu Deus me abençoe
 É mais um dia de trabalho
 Sigo meu caminho com muita fé
 Todo santo dia
 Rezo um pai nosso e uma ave Maria
 Para que nada aconteça comigo
 Que Deus ilumine sempre meu caminho
 Lá vou eu caminhando pela estrada
 Só volto de madrugada
 Estou de novo no meu lar
 Amanhã é outro dia volto a trabalhar

7- DE MODO FATAL

Se na rua de um modo fatal, o carro derrapa.
 Se alguém em outro alguém enfia uma faca.
 Se o teu bem, na tua cara, te da um tapa.
 Se quem bebeu morreu depois da ressaca.
 Se alguém te beijar e depois te trair nos arcos da Lapa.
 Se alguém quer matar, você, você, você, você, e quer te tirar do mapa,
 irmão.
 Se a criança vai para o recreio e fica no meio do tiroteio... Vai pra UTI de maca!
 Paaaroooo!
 HUMMMMM!
 Se o torcedor acha que só se ele assistir o jogo é que o seu time emplaca.
 É porque aqui tem urucubaca!

8- FIM SEM FIM

Kaos é a luta contra todos dogmáticos e inimigos da vida que querem enquadrar a arte e a vida, que querem direções rígidas para a arte. A intuição é um dado do conhecimento. Não há limitações possíveis! A arte e a vida são impulsos, irrupções, explosões. Não se pode conter o grito em fórmula nenhuma! Liberdade total de expressão artística e existencial!

9- TAMBOR DE MINA

O tambor de mina fala pela voz dos orixás...
 Nada perturba minha mente tendo o sol de Aruanda lá atrás...
 A águia que avoa pra frente, voa pra trás.

10- POEMAS:

OLHAR BESTIAL

Não me leve a mal
 Mas seu olhar
 É bestial

Tem olhar de fera
 Tem olhar de triste
 Tem olhar de primavera
 Tem olhar de quem bebe uísque

Mas não faz mal
 O seu olhar
 É bestial
 Porque
 Você um dia olhou
 Demais pro amor
 E quando viu que o amor não era
 Aquilo que a gente espera que ele é
 Passou muito mal
 E ficou desde então
 Com este olhar bestial

CHUVA PRINCESA

Você sabe o que é a chuva, meu bem?
 É uma princesa que cai do céu
 É a tristeza em forma de véu.

Quando os teus cabelos
Forem iguais aos cabelos da chuva
Meu amor, então eu vou gritar de felicidade porque
Gosto muito da chuva
E de você

TATARANETO DO INSETO

Uns transmitem malária
Outros, outras doenças.
Mas há uma política de agrotóxicos pelo ar

É chegada a vigésima quinta hora
Ouvi falar que uma pulga e um piolho
Estão no mesmo caminho

Cada inseto tem um neto
Tataraneto de outro inseto

De acordo com uma lei estabelecida
De driblar sempre a morte
Com a vida
Cada neto de outro inseto
Fica mais forte tomando inseticida

Canalhas, seres humanos!
Arrependei-vos!

OS MARCIANOS

Os marcianos estão aqui
Eu só falo porque os vi
E a tristeza que eles tem
A gente tem também
O cavaleiro alado
Em seu cavalo que é de fogo
Pelo céu cavalgou e veio anunciar
Que o mundo novo já chegou
E as crianças abandonadas
Será que ainda serão abandonadas
Lá pelo ano 2000?
Oh! Meu Deus o que será
Das crianças do meu Brasil?
Tem o D.Quixote que é de La Mancha
E tem o pixote que é uma mancha
Na consciência nacional
Mas eu vou parando por aqui
Ao som e ao toque do berimbau

HÁ, HÁ, HÁ

Há, Há, Há, He, He, He, Hi, Hi, Hi,

Ho, Ho, Ho, Hu, Hu, Hu

O ser é sozinho, mais só que a solidão.

É arrastar até o fim o caminho

Os cristais do nó da aflição

Há, Há, Há, He, He, He, Hi, Hi, Hi,

Ho, Ho, Ho, Hu, Hu, Hu

Faíscas e desejos, relâmpagos com os seus trovões,

Pista das conquistas dos desejos,

Dos seus, dos meus beijos, nos pântanos dos corações.

Há, Há, Há, He, He, He, Hi, Hi, Hi,

Ho, Ho, Ho, Hu, Hu, Hu

Perdido nas brumas do tempo relembro aqui e acolá.

Longas horas de dor e lamento e segundos de um gargalhar.

Há, Há, Há, He, He, He, Hi, Hi, Hi,

Ho, Ho, Ho, Hu, Hu, Hu

11- CARA DE JACARÉ (de Lecão)

Você acha que isso é legal

Correr da polícia todo dia

Você acha que isso é legal

Soltar fogos na esquina

Mas não é assim

Você tem que me entender

Amigo isso é tão ruim

Não é o melhor pra viver

Não perca seu tempo em fogo cruzado

Aqui é seu amigo deixando seu recado

Se liga meu amigo

Não entre nessa não

Fique na paz sem arma de fogo

Vai portar um armamento

Cadê o seu procedimento!

E o seu tempo, tempo, tempo, tempo, tempo.

Acabará

Vou cair na realidade

Você não vai ter mais liberdade

Quanto mais a tranqüilidade e o direito de viver

Saia, saia, saia, saia, saia!

Logo dessa vida torta

Antes que a morte bata em sua porta

12- FERNANDINHO E ZULEIKA

Zuleika - Eu amo muito você Fernandinho, mas alguma coisa me perturba a alma e me deixa quase sem respirar!

Fernandinho - Mas o que será minha linda?

Zuleika - É que eu estou morrendo de ciúmes... às vezes acredito em tudo o que você me diz, e outras vezes eu acho que é tudo embromação, que você é como todos os outros. Que você só quer o prazer imediato e que o resto é papo furado!

Fernandinho - Será que não é justamente ao contrário? E você fala tudo isso com suprema malandragem pra me cornear legalmente?

Zuleika - Sabe, eu fico muito confusa. Às vezes o sonho de continuar virgem e me casar toda de branco no altar de Jesus é o que me parece ser o mais correto e lindo. Mas o que eu posso fazer? Não controlo meu destino. Sou como aquela folha ao sabor do vento que vai para onde o vento quiser me levar.

Fernandinho - Isso parece até Zeca Pagodinho, deixa a vida me levar...

Zuleika - Mas não pode ser isso não, não pode ser isso não!

Fernandinho - Vê se te acalma Zuleika, as coisas não estão ruins não.

Zuleika - É que você não viu a cara de desespero da D.Rita quando beijou o rosto gelado do cadáver do filho dela morto no tiroteio das gangues do narcotráfico, ela depois de beijar as faces do filho defunto perfurado de balas, enxugou as lágrimas e começou a gargalhar em desespero sem parar e aí...

Fernandinho - E aí o que? Fala logo Zuleika, aí o que?

Zuleika - Aí gargalhando medonhamente ela parecia estar feliz, coisa de louco, será que ela conseguiu transformar a dor da morte em alegria pura?

Fernandinho - O negócio é não pensar em nada, é viver o momento itinerante.

Zuleika - Vamos mudar de conversa?

Fernandinho - Vamos seguir o conselho que é o conselho do grande Albert Einstein que criou a teoria da relatividade que dizia: Se você não consegue resolver um problema, olhe para o outro lado.

Zuleika - Então, vamos olhar para o outro lado das coisas e imaginar que vamos viajar em lua de mel. Vamos escolher no mapa mundi o lugar em que nos amaremos pra sempre.

(Os dois se abraçam e caminham em direção ao mapa mundi e começam a escolher o lugar da lua de mel)

Zuleika - Paris, Londres, Viena, Roma?

Fernandinho - Amsterdã!

Zuleika - Porque Amsterdã?

Fernandinho - Ora, porque lá as drogas são legalizadas.

Zuleika - Você só pensa nisso?

Fernandinho - Não só nisso, mas também nisso.

(De repente ouvem-se tiros e uma voz no megafone, sirenes e tiros que vão crescendo em proporções geométricas).

Voz do megafone - Atenção! Aqui é a polícia. Entreguem-se com as mãos para o alto. Joguem as armas no chão, caso contrário vamos começar a disparar em nome da lei e da ordem!

(Mais gritos, sirenes, um poderoso tiroteio se inicia com balas perfurando o lado esquerdo e direito do quartinho onde estão Fernandinho e Zuleika trêmulos e abraçados).

Zuleika - Meu amor, estamos no meio do fogo cruzado.

Fernandinho – Nossa vida sempre foi assim, quem sabe vamos pra uma vida melhor, me abraça bem forte!

(O tiroteio torna-se mais violento com disparos de metralhadora. As balas perfuram o barraco onde Zuleika e Fernandinho morrem abraçados).

13- MULHER E HOMEM

(Mulher que está só no palco)

Eu estou só no palco. Quero viver! Quero dançar com um homem que me queira bem! Viva a alegria! Estou só no palco e esta luz branca machuca meus olhos. Ah! Como é bom viver! Imaginem se existisse um mar logo aí adiante! Uma água azul e linda de se mergulhar e um milhão de peixinhos e um homem, ah! Um homem que me queira bem!

(Entra um homem) (É um pescador).

Homem: A senhora quer um peixe? Estão fresquinhos. Pescados agora.

Mulher: Estão fresquinhos é? Quanto é cada um?

Homem: Cem cruzeiros.

Mulher: Cem cruzeiros! É muita coisa!

Homem: Se não quiser não compre. Eu tenho quem compre.

Mulher: Quem é esta criatura louca?

Homem: O meu amor.

Mulher: Só mesmo assim, só mesmo por amor.

Homem: Bem, até logo.

Mulher: Até logo. Até logo.

Homem: Mas antes que eu me retire. A senhora sabe o que aconteceu na estrada, a alguns metros daqui?

Mulher: Algo aconteceu?

Homem: Um desastre. Alguém morreu. O carro era bonito. Bem, é só. Até logo.

(Vai embora)

(Mulher só no palco de novo).

Mulher: Aconteceu um desastre! Que coisa! Será que alguém morreu? Alguém que eu conheça? Mas como é bom viver! E não ligar para os desastres que ocorrem! Será! Será? Que eu conheço a pessoa do desastre? Ah! Eu não devo pensar nestas coisas. Não! Não! Não!

(Entra um outro homem. Entra um homem de calças blue-jeans, descabelado, sujo de graxa. Um pouco ensangüentado).

Homem: Estou ferido um pouco e com sede. Ah! Mulher quero água! Ou o leite dos teus seios!

Mulher: Meu Deus! É ele! Está ferido!! O que aconteceu? Ah! Não o que aconteceu eu já sei! Foi o desastre! Meu Deus! Que coisa terrível! O senhor está muito machucado? Está muito mal? Dá para agüentar?

Homem: Ora, mulher. Isto não é nada, é uma feridinha sem importância. Mas eu estou é com sede. Quero beber.

Mulher: Mas não existe água por aqui!..

Homem: Então quero o leite dos teus seios!

Mulher: Mas eu nem conheço bem o senhor! Conheço mal, na verdade muito mal.

Homem: Daonde é que você me conhece?

Mulher: Ora, então o senhor não se lembra? Há poucos instantes ainda o senhor passou com o carro e assobiou para mim, buzinou, parou o automóvel e eu não liguei!

Homem: Não. Não me lembro!

Mulher: Puxa!

Homem: Eu mexo com tantas mulheres que eu esqueço depois.

Mulher: Pois agora não te dou leite!

Homem: Mulher má.

Mulher: Mulher má não, mulher mulher, isto é orgulho!

Homem: Então deixa eu beber dos teus lábios. Um beijinho não é tão má coisa assim, não?

Mulher: Está bem, um beijinho vai. (Beijam-se).

Mulher: Pronto!

Homem: Ah! Minha sede já está um pouco saciada!

Mulher: Ah! O homem!

14- REI

Rei: sou um rei sem reinado há muito tempo. Olho este mar e sinto uma volúpia antiga a me estragar as carnes. É a sedução do espaço, dos ventos, do sonho e do antigo que retornará mais violento e forte do que antes! Quando eu me lembro dos campos em flor beijados pelo vento, pelo vento antigo que beijava tanto! E o sol, o sol quente e forte que brilhava e queimava as flores da minha carne! Quanta falta fazem os heróis! Quanta falta fazem os heróis que gritam e são jovens e tem a carne molhada pelo suor e pelo sexo e são audazes e loucos e são jovens! Heróis! Heróis! Agora só existe o vento, esta praia que vejo, o mar e alguma mulher por aí. Interessante, talvez feiticeira, esta interessante mulher.

Mulher: Feiticeira? Eu? Logo quem.. pode ser. Sim, sou feiticeira, agrada-me e eu agora o sinto: sou feiticeira! Vento triste de uma tarde triste. Meu querido rei, você quer ouvir uma música e um violão? Minha voz e um violão? Agora o tédio esvoaça prazeroso, logo mais à noite cantarei com a minha voz rouca e meu violão generará notas tristonhas e você se lembrará de coisas antigas, passadas, coisas do tempo em que você ainda era rei, rei, rei! E não um fantoche! Ah! Ah! Ah!

Rei: Chega! Basta! Feiticeira cruel! Criatura que é má, é má, é muito má, mas que eu gosto! Ó eu te amo que nem o mar, a chuva, o vento, o sol e a volúpia da lembrança, porque você é tudo isto, é o mar, a chuva, o vento e sol e a volúpia da lembrança e é carne. Tudo isto você é. E você ama um velho rei.

Mulher: Sim, eu amo um velho rei.

Rei: Um rei que espia o mar e sente o vento e chora por coisas passadas que retornarão mais fortes do que nunca! Eu não te conheço bem, mulher, te conheço mal, te conheço pouco, não, não te conheço!

Mulher: Mas eu te amo!

Rei: Mentira. Esta é a maior mentira. Você nem mulher é, você ainda é criança pequena, ainda é adolescente, é linda, mas é criança! Quantos anos você tem?

Mulher: Tanto faz. Idade importa?

Rei: Você é criança.

Mulher: Dezesete!

Rei: Ah! Ah! Ah!

Mulher: Por que você ri?

Rei: De felicidade. Adivinhei, mas eu te amo, eu te amo criança adolescente mulher! Mas este vendo que sopra está ficando trágico e algo me diz que vai chover. Mas a chuva não cairá aqui. Ela vai cair ao longe e lá ao longe nós a veremos cair. Será uma nuvem azul, negra em cima das ondas do mar despejando a sua urina para baixo, para as ondas, para o mar, e o vento vai soprar! Eu estou tão só princesa!

Mulher: Então sou princesa?

Rei: Toda mulher jovem é princesa.

Mulher: Que bom! Que lindo! Mas você soube? Você sabia? Chegará aqui hoje um cavaleiro que terá uma pluma vermelha em seu capacete e que terá os olhos mais lindos do mundo e acontecerá algo estranho, importante, divino!

Rei: Eu sabia! Algo iria acontecer! É o retorno! É o vento de volta! Ah! Ah! Ah!

(surge um pagem)

Pagem: Eu estava sonhando e vi um peixe. Decidi pescar o peixe, ele estava na água azul e era dourado. Lindo, lindo este peixe! Ah! Bondoso rei estou ficando desesperado!

Mulher: Lindo pagem loiro, porque a tristeza?

Rei: A tristeza é a dona da vida. Deixe-o, ele é triste.

Pagem: Ah! Agonia que devora, devora...

Rei: Vento da nova esperança!

15- POSFÁCIO GILBERTO GIL (de Jorge Mautner)

Se a ciência e a arte se fosse possível que elas pudessem representar a complexidade no sentido amplo da vida e, nesse sentido amplo da vida, a presença do ser humano nela, seria ainda, ainda que essa capacidade da ciência e da arte fosse possível, nessa abrangência inteira, ainda assim seria difícil que elas pudessem, a ciência e a arte, representar a complexidade que reúne nesse homem.

16- SALVE JORGE (de João Grilo)

Salve Jorge,
Salve, salve Jorge

O cavaleiro e seu arco
Lança que alcança uma canção
Krishina, Jesus e Baco
Buda, Freud e Platão

Salve Jorge,
Salve, salve Jorge

Anexo 2) Roteiro de entrevista com o diretor da Trupe de Teatro do GCAR

- 1) Nome completo, idade e e-mail.
- 2) Por que o teatro? O que o teatro significa para você?
- 3) Fale um pouco sobre sua entrada na Trupe.
- 4) Por duas vezes, você já comentou sobre a diferença entre uma direção diretiva sobre os atores e outra em que o ator, antes do diretor falar qualquer coisa, já se mobiliza ao ler o texto. Como acontece na Trupe?
- 5) Frase do Johayne: *Não justifica*. Comente.
- 6) Você pede para freqüentar as outras aulas, assistir a uma peça, ler um livro ou um jornal. Comente este seu movimento.
- 7) Quando você trouxe o exemplo do Juliano para uma reunião do grupo, o que você quis mostrar para eles?
- 8) Devido a certos incômodos ou problemas, o grupo propõe a você reuniões. Como é para você a mobilização deles?
- 9) Fazer parte da Trupe e do GCAR, como um todo, implica compromissos, respeitar regras e normas. Como você encara a postura da Trupe e qual o seu papel nisso?

Anexo 2) Roteiro de entrevista com o diretor da Trupe de Teatro do GCAR

- 1) Explicação da proposta de entrevista.
- 2) Nome completo e e-mail.
- 3) Por que o teatro?
- 4) Fale um pouco sobre sua entrada na Trupe.
- 5) Hoje você se sente como membro da Trupe? De que modo, então, você participa deste grupo? A Trupe tem uma série de regras (ensaio, apresentação, aula, etc). Como é para você tudo isso? O que você ganha fazendo parte da Trupe?
- 6) Dentro do elenco da Trupe existem líderes? Você se sente um? Como esta liderança é exercida?
- 7) Você escreve textos nesta peça? Você se vê como um autor da história que a peça conta?
- 8) Por vezes, o “clima” em Vigário Geral muda. Isso influencia ou não o trabalho de vocês? De que modo? Como você lida com isso?
- 9) Fale um pouco sobre a relação de Johayne com o grupo e com você em especial.
- 10) Você participa da Trupe... e sua família? O que acha?
- 11) Fale sobre as negociações que os jovens fazem diante das contrapartidas institucionais propostas por empresas patrocinadoras.
- 12) Comente as frases abaixo (estas frases se encontram expostas nas paredes da sede do Afro Reggae, em Vigário Geral):
 - “Oro por um Deus que não sei quem é, mas com certeza ele sabe quem seu sou”.
 - “Venha com estilo e conquiste seu espaço”.

Anexo 3) Categorias de análise sobre a Trupe de Teatro do GCAR

Categoria 1 Códigos e regras: conflitos e modos de convivência na Trupe

- 1) As regras durante o ensaio (permanecer quieto e em silêncio, tanto quem estiver assistindo quanto o próprio elenco; gravar o texto da peça; alongamento; assistir às outras aulas; proibição das crianças quanto a estar presente em certas cenas; não fazer paródia com certas cenas para evitar o esgotamento de seu sentido; autonomia na construção de seu personagem; cada jovem é responsável pelo material cênico utilizado em sua cena);
- 2) As regras relacionadas à cerveja, fumo e dirigir moto são vistas como imposição por alguns;
- 3) Reunião de equipe como modo de se resolver problemas internos;
- 4) As regras internas que “determinam” o lugar que cada um pode ocupar dentro da Trupe;
- 5) O desajuste das regras internas do Afro Reggae em relação à realidade atual dos jovens;
- 6) Regra da Trupe: “ninguém é insubstituível”;
- 7) De regras impositivas para regras educativas/ conscientizadas;
- 8) Os códigos de comunicação entre diretor e elenco;
- 9) O jovem enquanto multiplicador em outras comunidades;
- 10) Estudo em casa a partir de livros, recortes de jornal e filmes para a elaboração do personagem;
- 11) Seguir as regras internas da Trupe;
- 12) A possibilidade do recebimento das bolsas de auxílio financeiro gerar ou ratificar um compromisso;
- 13) Compromisso com um ideal particular ou coletivo que permeie a peça.

Categoria 2 **A Trupe e suas narrativas**

- 1) A *Urucubaca* enquanto projeto de vida;
- 2) Por meio da peça os jovens revivem aquilo que já faz parte da vida deles;
- 3) Ao se participar da produção da história da Trupe de Teatro, cada jovem pode também produzir a sua própria história de vida ligada ao teatro;
- 4) A experiência de escrever textos teatrais enquanto narrativa da própria vida;
- 5) Por meio da montagem desta peça se conta/ narra a história da Trupe;
- 6) O enredo traz histórias particulares daquela comunidade, mas ao mesmo tempo semelhantes às outras vividas mundo a fora;
- 7) O teatro pode contar de diversas formas a mesma história;
- 8) A peça tem na sua narrativa a presença de paradoxos, descontinuidades e ambigüidades, assim também como existem na vida;
- 9) Experiências de ensaio ao ar livre;
- 10) Os jovens trazem suas habilidades para o teatro ou utilizam este como recurso para a vida;
- 11) A transformação de elementos ordinários da vida cotidiana em elementos artísticos (por exemplo, um texto escrito num diário, gerando um texto dramaturgico);
- 12) O enredo da peça não foi uma escolha consciente e prévia, mas foi surgindo a partir do que a própria vida ia mostrando;
- 13) O teatro atravessando a vida das pessoas;
- 14) Amor pela arte;

Os sentidos produzidos a partir do diálogo com as frases escritas nas paredes do GCAR.

Categoria 3 A direção artística como ação compartilhada

- 1) A peça vai sendo escrita à medida que ela vai sendo encenada pelos jovens;
- 2) A direção conjunta como possibilidade de produção de sentidos;
- 3) A existência de uma direção está atrelada à criação e apresentação do jovem dentro do processo de montagem;
- 4) Provocar no jovem uma ação, um desejo por conquistar algo;
- 5) O desafio feito ao jovem para a responsabilidade, o compromisso;
- 6) As permissões de diretor diante de algumas atitudes dos jovens;
- 7) As possibilidades de papéis atribuídos ao diretor pelos jovens;
- 8) O cuidado do diretor para com o grupo durante a transição de Trupe de Saúde para Trupe de Teatro;
- 9) Abertura para se escutar as opiniões e propostas dos jovens;
- 10) As informações acerca do trabalho circulam, ou não, por toda a Trupe;
- 11) O surgimento do enredo a partir da participação de muitos;
- 12) A autoridade circula no grupo a ponto de um jovem cobrar do outro maior participação;
- 13) Esta autoridade aproxima mais o diretor do grupo;
- 14) Existe uma experiência de vida que aproxima diretor e elenco.

Categoria 4 **A construção da identidade a partir do
pertencimento à Trupe**

- 1) Táticas de ingresso dos jovens na Trupe e com quais posturas ele passam a fazer parte deste grupo;
- 2) Receptividade do grupo para com um novo integrante ou convidado;
- 3) As baixas do grupo;
- 4) Circulação e convívio de pessoas de localidades diversas do Rio de Janeiro dentro da Trupe;
- 5) O tempo de trabalho/ permanência na Trupe enquanto atributo de *status* (por exemplo, a primeira e a segunda gerações de jovens na Trupe);
- 6) O trabalho coletivo existente na Trupe;
- 7) A circulação de crianças e outros jovens na platéia durante os ensaios;
- 8) A vivência dos jovens da Trupe em outros espaços (peças de teatro, gravações de programas de televisão, cursos, outros países, etc);
- 9) A Trupe enquanto porta de entrada e de saída;
- 10) Os usos que os jovens fazem do nome Afro Reggae, em benefício próprio, dentro e fora da comunidade;
- 11) Tornar-se conhecido /visível a partir da visita do outro à comunidade;
- 12) Ser visto como: pertencente à Trupe ou ao Afro Reggae?;
- 13) Estar na Trupe permite a este jovem ator olhar para dentro da comunidade de Vigário Geral e de outras comunidades;
- 14) Ser visto como atores profissionais ou atores sociais/ amadores?;
- 15) Ser visto pelo outro torna-se uma condição para o jovem ator ser lembrado;
- 16) O jovem se vendo /constituindo a partir do olhar do outro;
- 17) A camisa do Afro Reggae como meio de visibilidade;
- 18) As reuniões dirigidas ou convocadas pelos jovens;
- 19) Os apoios dados entre eles durante os ensaios;
- 20) As diversas formas de exercer a liderança;
- 21) O amadurecimento de jovens para o exercício de papéis dentro do grupo e fora, futuramente;
- 22) O estímulo do Afro Reggae para o surgimento de líderes;
- 23) Pertencimento a Trupe enquanto forma de subsistência dentro do teatro;

- 24) As diversas formas de tornar-se parte da Trupe;
- 25) Pertencer ao Afro Reggae significa pertencer a um grupo;
- 26) O jovem se declarando em nome da Trupe/ Afro Reggae;
- 27) A proteção que a Trupe/ Afro Reggae confere aos jovens;
- 28) Quando família e Trupe se misturam ou exercem a mesma função;
- 29) O apoio ou o receio familiar;
- 30) Os diversos sentidos que a família produz sobre o trabalho da Trupe;
- 31) O sentimento por pertencer ao Afro Reggae;
- 32) Crítica aos papéis que eles assumiram nos contratos de patrocínio;
- 33) Crítica ao mau uso dos direitos dos quais usufruem a empresa patrocinadora (por exemplo, direito a uma cota de ingressos da peça teatral para seus funcionários).

Anexo 4) Regras

Independentemente das regras estabelecidas pelo grupo, existem leis que regem o País as quais devemos respeitá-las.

Dirigir Moto e Carro

1. Tendo carteira de habilitação.
2. Não sendo roubada (o).
3. Na garupa (atento ao uso do capacete).
4. Assumir total responsabilidade em caso de acidentes e outros.
5. Não conduzir alcoolizado ou sob efeito de outras drogas.

Consumos de Bebidas Alcoólicas

1. Sendo maior de 18 anos.
2. Não podendo consumir: nos núcleos, no horário de expediente, nos eventos, shows, locais onde estejamos representando o Afro Reggae.
3. Não será permitida a permanência de pessoas alcoolizadas ou sob efeito de outras drogas no espaço de trabalho/ensaio/aula.
4. Assumir total responsabilidade pelos atos.

Punições

Descumprimentos as normas estará sujeito a:

1. Perda total ou parcial do valor da bolsa, cachê e outros, suspensão de shows.
2. Afastamento temporário ou definitivo ocasionando um desconto salarial nos dias da ausência, relativo a punição (suspensão).